

**AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS E AS NOVAS OPÇÕES DE LAZER
URBANO NA PARAHYBA DO NORTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XIX: UMA SOCIEDADE ENTRE A TRADIÇÃO E O PROGRESSO**

Gabriela Maria de Lima Cardoso

Universidade Federal da Paraíba. Graduanda do Curso de Arquitetura e Urbanismo
cardosogabriela@gmail.com

Profa. Dra. Maria Berthilde Moura Filha

Universidade Federal da Paraíba. Departamento de Arquitetura
berthilde_ufpb@yahoo.com.br

1. Introdução

O presente artigo é fruto da pesquisa intitulada “Registros de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa” que tem como principal objetivo motivador o resgate e catalogação das notícias referentes à cidade e à vida urbana na segunda metade do século XIX, utilizando-se de periódicos disponibilizados pelo acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP).

A relevância dessa pesquisa se dá no âmbito da reunião, como também, da preservação das informações dispersas nesses periódicos, constituindo uma base de dados acerca do processo de construção e transformação da capital paraibana no dado período. Esse patrimônio imaterial já começa a dar frutos no sentido de estabelecer um “novo” paradigma para pesquisas sobre a cidade da Parahyba do Norte. Nesse sentido, este artigo tem como fonte primitiva para sua fundamentação as notícias coletadas através desse material. Notícias estas que sugerem elementos e vestígios no campo das práticas de lazer e das redes de sociabilidade frente às tradições e atividades religiosas.

Abordar o papel que a Igreja vem exercendo na sociedade através dos tempos é um tema recorrente em estudos nos diferentes ramos da ciência. Dessa forma, pretende-se, com esse trabalho, proceder a uma investigação de como as festividades religiosas refletiam essa influência da Igreja na sociedade da cidade em questão, apresentando-se ainda como forte instrumento de sociabilização.

Nos periódicos pesquisados, observou-se a natureza dos eventos sociais naquela época, constatando-se a recorrência de notícias que relatam o aparecimento de “sociedades” e “clubes de classes” que surgiram como nova forma de interação social na cidade. A respeito disso, é lançado um questionamento no qual se discute a

possibilidade dessas novas opções de lazer sobressaírem em detrimento das tradicionais festividades religiosas.

2. As festas públicas: uma herança do Brasil colonial

Uma análise da documentação que tramitava entre a Metrópole e o Brasil, no período colonial, nos mostra a importância que as festas de cunho oficial e religioso tinham naquela época. (...) A celebração destas datas tinham como principal objetivo fazer presente a imagem do poder real e estabelecer um elo de ligação entre um rei, geograficamente distante, e seus súditos através de acontecimentos que significavam a continuidade do seu poder. (2003, p. 465).

Conforme menciona Moura Filha, as celebrações religiosas, além de cumprir as tradições da Igreja, tinham por objetivo tornar evidente o poder da Metrópole sobre a Colônia. A intensa busca por esse controle social visava a manutenção dos privilégios da hierarquia eclesiástica, demonstrando a valorização dos interesses pessoais em detrimento dos princípios cristãos.

Na época, aconselhava-se à sociedade a “participar das cerimônias e devoções públicas, umas dentro, outras fora dos templos, tais como as celebrações da Semana Santa, as frequentes procissões, bênçãos do Santíssimo, trezenas, novenas e tríduos dedicados aos múltiplos oragos de sua freguesia, as romarias e santas missões.” (MATTOSO, 1992 apud NOVAIS, 1997, p. 160). Estas cerimônias e rituais públicos faziam parte integrante da cultura religiosa em Portugal, e ao chegarem ao Brasil, sofreram algumas adaptações originadas das peculiaridades encontradas no local.

Verifica-se que as festas, durante os primeiros séculos de colonização, além de herança portuguesa, eram, por excelência, a ocasião propícia para uma maior interação social. Com base no exposto por ALGRANTI (1997, p.113), “o espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se concentrava fora das paredes do domicílio, fosse ele a rua ou a igreja”.

3. A religiosidade da capital paraibana na segunda metade do século XIX

O século XIX é caracterizado ainda por uma “vida social marcada principalmente pela ausência de um dinamismo próprio” (MAIA; SÁ, 2008, p.35), destacando-se nesse contexto apenas as festas religiosas que constituíam, portanto, a “principal distração das massas” (EWBANK, 1856 apud FREYRE, 1985, p.95).

Essas considerações podem ser confirmadas sob o ponto de vista da frequência com que as notícias acerca desse assunto aparecem nos periódicos trabalhados. Nesse sentido, observa-se uma diversidade de registros referentes a festas, procissões, entre outros atos litúrgicos, demonstrando haver uma forte religiosidade na Parahyba dessa época.

O catolicismo era a religião oficial do Império conforme cita Moura Filha fundamentada na Constituição Política do Império do Brasil (2000, p.43). Esse fato se verifica com forte influência no âmbito familiar, onde se observava uma disciplina que tinha por base o temor de Deus. As crianças aprendiam a rezar, tinham por hábito pedir a bênção aos seus pais e às pessoas mais velhas quando iam dormir, e ouviam destas, histórias da Virgem Maria e do Menino-Deus (FREYRE, p. 101).

De acordo com os indícios dos jornais da segunda metade do século XIX, as festas religiosas na capital paraibana ainda eram muito concorridas. Dessas, podem ser destacadas: aquelas comemoradas em homenagem a Nossa Senhora das Neves, padroeira da cidade, a Nossa Senhora do Carmo, a São José, ao Santíssimo Sacramento e as festas juninas; as procissões do Senhor Bom Jesus da Pobreza, dos Passos, e também as outras procissões realizadas na Semana Santa. Levando-se em conta ainda as de menor expressividade que, citadas em algumas poucas notícias, confirmavam a diversidade de festividades ainda existentes.

O conhecimento da existência dessas inúmeras atividades religiosas chama atenção para um fato de grande relevância: a forte ligação que a população ainda mantinha com a Igreja e com os seus atos litúrgicos. Segundo apontam os jornais pesquisados, havia também uma consistente participação da sociedade na organização desses eventos. Com efeito, observa-se nesses registros uma mobilização de vários grupos que subsistiam à falta de recursos e outros fatores que dificultavam a preparação das festividades.

Nesse sentido, o *Estado do Parahyba*, em julho de 1892, noticia a distribuição das noites de novena da festa das Neves, apontando as classes que faziam parte da comissão de organização: os profissionais da Justiça, médicos e farmacêuticos, artistas, vendelhões, lojistas, empregados públicos, militares, negociantes e caixeiros, estudantes, padres e lentes, e por fim, as senhoras da sociedade.

A realização destas festas exercia influência tanto no cotidiano das pessoas quanto no ambiente urbano. Algumas das notícias que comprovam essa afirmação levam a entender que a cidade adquiria um novo aspecto ao se aproximarem tais eventos. Destes, recebem destaque as procissões, as quais apresentam referências de uma mobilização dos responsáveis pela festa em tornar a cidade mais “decente” para a realização de tais atos, aconselhando o tratamento e limpeza das fachadas.

Além destas, outras providências eram tomadas para uma maior suntuosidade do evento. Essas ações eram tradicionais desde outras épocas. A esse respeito, Moura Filha descreve o tratamento dado às cidades através da:

(...) elaboração de uma arquitetura efêmera, que enriquecia o espaço urbano com arcos triunfais, mastros, luminárias e cenários festivos, além de se criar ambientes adequados para as festividades que compunham a festa (...). Esses cenários, por vezes se limitavam a um único espaço urbano, o adro de uma igreja, por exemplo, mas em outras ocasiões se estendiam por diversos pontos da cidade – adros, terreiros e ruas.” (2000. p. 35)



Imagens 01 e 02 – Anúncios extraídos do *O Parahybano*, junho e julho de 1892. Fonte: Acervo do IHGP.

Outro fato que vale ser ressaltado diz respeito ao comércio local. Em épocas de festa, os anúncios dos jornais apresentavam lojas com grande sortimento de produtos, principalmente em relação à vestimenta e a fogos de artifício. Isso leva a crer que havia uma expressiva movimentação da sociedade em preparação a estas festividades, em especial à festa da Padroeira, Nossa Senhora das Neves.

4. As novas formas de sociabilização

Embora houvesse indícios de que a sociedade participasse ativamente dessas festividades, chegando até mesmo a colaborar com sua organização, alguns noticiários levantavam uma questão quanto às formas de sociabilização na capital paraibana de meados do século XIX. Costumava-se publicar que as oportunidades de entretenimento eram muito restritas e se fazia urgentes mudanças a respeito disso. A esse respeito, lê-se um trecho retirado de um jornal da época:

Já é proverbial a apathia e falta de sociabilidade de nossa capital, cujos habitantes, em falta de alimento e distração para o espirito, procuram as lojas, vendas, boticas e outros logares apropriados para saber *o que há de novo* (...) Os clubs de todo o genero, mercantil, religioso, litterario, politico, philanthropico, patriotico etc, são associações hoje muito espalhadas em todas as sociedades. Desejava-mos que associações d'este genero se multiplicassem entre nós despertando-lhes o estimulo e que assim se tornasse esta capital *habitavel*, o não envergonhassemo-nos de dizer, ao hospede que nos chega, que aqui não vive-se, vegeta-se. (Jornal O Publicador, edição do dia 29 de Maio de 1886, nº 10 – Seção: Noticiario)

A partir dessa notícia fica evidente a propagação dessas novas formas de lazer que começavam a surgir nesse período. E que, mesmo assim, os noticiários ainda demonstravam insatisfação por parte de alguns cidadãos. Estes diziam sentir-se inferiorizados ao apresentar a cidade àqueles que a visitavam, revelando-se envergonhados, como se a vida social pacata fosse sinônimo de atraso.

Analisando-se as notícias retiradas de notas e anúncios publicados nos periódicos pesquisados, observou-se a citação de cerca de vinte clubes (recreativos, literários e artísticos) que representavam diversas categorias e classes da sociedade paraibana da época, tais como: artistas, empregados do comércio, empresários e oficiais do exército.

Através do levantamento realizado, foi possível concluir que a distinção entre sociedade e clube aparece com o passar dos anos, mais precisamente, a partir de 1881. Neste ano, é que se tem o primeiro registro dessas entidades sendo denominadas por “clube”. A exemplo destes, verifica-se: “Astrea”, “Club Cardozo Vieira”, “Club Dramatico Beneficente”, “Club Recreio Familiar Militar”, entre outros.

Muitas são as notícias cujo enfoque são as “soirrés” realizadas nesses clubes. A maior parte delas deixam explícito que se tratavam de festas de grande requinte, regadas a vinhos, licores e cerveja, com muita fartura, danças, que por vezes chegavam até às três da madrugada. Não raramente, era citado quem era bem vindo a essas festas: sócios e convidados, deixando bem claro se tratar de eventos restritos à elite paraibana.

Destacavam-se também as sociedades dramáticas que promoviam espetáculos teatrais. Destas, vale ressaltar a Sociedade Santa Cruz, responsável pelo surgimento do Teatro de mesmo nome que mais tarde viera a ser conhecido por “Santa Roza”. O artista Lima Penante é citado como sendo um incansável artista, membro dessa sociedade, que juntamente com os demais tinham o objetivo de difundir o gosto pelo teatro. Mesmo

com os esforços desse grupo em, o Jornal Diário da Parahyba manifesta em seu noticiário o desinteresse da sociedade em assistir os espetáculos do Theatro Santa Cruz, ainda que esses apresentem artistas consagrados, ou até mesmo, tenham conquistado prestígio na Europa e na Corte Imperial.

Em noite de 26 do corrente, subio a scena, pela primeira vez, em o nosso Theatro Santa Cruz, a comedia em 3 actos – Divorciem-nos, composição do insigne dramathurgo francez Mr. Victoriem Sardou. (...) Infelizmente a caza esteve com maré de vazante, já devido ao mau tempo que fez, já devido, sejamos francos, a falta de gosto que domina entre nós pelo theatro. (Jornal Diário da Parahyba, 28 de Maio de 1885)

Além dessa, outras notícias confirmavam a falta de interesse local pelo teatro e clubes em geral. Desse modo, pode-se inferir a existência de duas posições a respeito da sociabilidade na capital paraibana na segunda metade do século XIX: a primeira, que defendia o aumento do número de opções de lazer, mostrando uma sociedade paralisada em relação a este aspecto; e a segunda, que considerava a sociedade local como sendo indiferente às formas de entretenimento que eram oferecidas.

Nota-se a partir desses dados, uma sociedade na qual ainda havia uma certa resistência aos progressos que traziam a vida moderna. Essa característica permanece presente em todo o decorrer do século XIX mesmo com o aparecimento de novas formas de entretenimento, das quais se destacavam o Teatro e as demais sociedades, demonstrando, aparentemente, fortes laços com a religiosidade e com seus cultos e festividades.

5. Referências Bibliográficas

ALGRANTI, Leila. **Famílias e vida doméstica**. In: NOVAIS, Fernando. História da Vida Privada No Brasil. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 113.

AGUIAR, Wellington. **Cidade de João Pessoa: a memória do tempo**. 3. ed. João Pessoa: Idéia, 2002.

AGUIAR, Wellington; OCTÁVIO, José. **Uma cidade de quatro séculos – Evolução e roteiro**. 2. ed. João Pessoa: Fundação Cultural do Estado da Paraíba, 1989.

ARAÚJO, Fátima. A imprensa na Paraíba. In: **A Paraíba nos 500 Anos do Brasil – Anais do ciclo de debates do IHGP**. João Pessoa: IHGP, 2000. p. 245-260.

FREYRE, Gilberto. **Vida Social no Brasil nos meados do século XIX**. 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Editora Massangana, 1985.

LEAL, Wills. **Memorial da Festa das Neves**. João Pessoa: Gráfica Santa Marta, 1992.

MAIA, Doralice; SÁ, Nirvana Lígia. **A festa na cidade no século XIX e início do século XX: Lembranças e Memórias da cidade da Parahyba – Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/atelie/article/view/4725/3974>>. Acesso em: 12 set. 2009.

MOURA FILHA, Maria Berthilde. **O Cenário da Vida Urbana**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2000.

_____. “Festas no Brasil Colonial – Elos de ligação com a vida na Metrópole”. II Congresso Internacional do Barroco. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada No Brasil**. Vol. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.